

Augusto Severo Neto, inédito

Por Gustavo Sobral¹

Citado na Enciclopédia Delta Larousse de 1970, membro correspondente da Academia Paulistana de Letras, sucedendo Câmara Cascudo, Augusto Severo figura na antologia da literatura do Rio Grande do Norte das professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte² e na antologia e história literária do Rio Grande do Norte do professor Tarcísio Gurgel³. Esses e outros destaques sustentam a sua importância para as letras e para a cultura do Rio Grande do Norte.

Augusto publicou crônicas em diversos jornais da capital, dentre eles *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, e até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE. Os livros publicados por diversas editoras, Pongetti, Nossaeditora, de Pedro Simões Neto, Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, na Coleção Jorge Fernandes, e Imprensa Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Há ainda à espera de publicação, trabalhos inéditos deixados pelo autor. *Profissão de fé à Bem-Amada*, 1964-1981, 32 p., capítulos de prosa poética sobre a vida e o amor dedicados à bem-amada Maria Lúcia Severo, Lucinha; *Roteiro de Ausências*, livro de poemas, datado de 1981, 41 p., com doze sonetos, cinco rondós, seis cantigas e cinco poemas à bem-amada; *Na lírica estação de outono*: estórias de viver muito, 1981, 50 p., que inclui memórias, lembranças e reminiscências; *Valdestrudes Rodovaldo Castanha e o Deflorete no pino do meio-dia*, em volume encadernado, com 50 páginas e datilografado pelo autor; e a sua colaboração para os jornais, ainda dispersa.

Além de sua colaboração como poeta e escritor, demarca-se a sua participação cultural na vida da cidade. Faceta de Augusto Severo Neto que precisa ser desperta e recontada, como a história da Galeria de Arte Vila Flôr, iniciativa que marcou a vida cultural de Natal, com exposições dos artistas consagrados da cidade, como Leopoldo Néelson, Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Iaperi Araújo e Thomé Filgueira.

Dentre outras atividades, Severo Neto também foi diretor cultural da Fundação José Augusto e diretor do Museu de Arte Popular do Forte dos Reis Magos.

¹Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Nasceu em Natal/RN, esquina do continente, de onde observa o mundo. É autor e organizador de diversos livros. Seus escritos se reúnem no site pessoal www.gustavosobral.com.br

²DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001.

³ SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Instalado pela arquiteta pernambucana Janete Costa a convite do governador Aluísio Alves, nos anos 1960, o museu reunia uma coleção de arte popular. Janete Costa fez todo um levantamento, inclusive localizando móveis holandeses antigos para compor o acervo do museu e instalando em um areial uma casa de farinha completa. Além disso, propôs uma sala toda arte popular do Nordeste⁴. Janete Costa era arquiteta pernambucana. Formada pela Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1961, marcou a sua trajetória desenvolvendo projetos de arquitetura e de exposição voltada para a valorização e o uso da arte popular. Para a criação do museu, moveu os artistas da cidade que foram colaborar na confecção e apresentação das peças, fizeram parte da aventura Lucia Severo, Manxa, Iaponi, os artistas da cidade.

Severo Neto frequentava também as rodas da cidade, os bailes, conviviam com os escritores, jornalistas, poetas, artistas, músicos, a gente toda cidade e os pescadores e veranistas de Pirangi. Pirangi era refúgio. Adquirindo um terreno e uma casa de taipa diminuta, ali ia para curtir os finais de semana e o verão entre amigos. O terreno é para muita vivência, inspiração e histórias, é quando a vida acontece na despreensão dos dias e Augusto Severo Neto exerce a sua espontânea arte da convivência e da provocação mútua, gesto de carinho, convivência e admiração entre amigos, um dos seus livros será um retrato desta Pirangi, é *Amigo*⁵ para Márcio Marinho, que ao falecer deixa um vazio de amizade. Augusto ali reúne o que significava Pirangi nas suas vidas, são composições de Márcio, poemas de Augusto, e as histórias vividas e passadas juntos. O livro é uma declaração de amizade e um retrato da personalidade de Severo Neto e da sua relação com os amigos.

Era um terreno bem grande aquela casinha de nada. Pirangi deserta e ali a menor casa que havia. Era só dunas até a beira da praia e um pé de araquá. Foi ali que conheceu seu Calemba, futura personagem do *De Líricos e de loucos*, querendo lhe vender mais um bocado de terra. Calemba, “o arquitetcho de Pirangi”. A casa era de taipa, e nas idas e vindas a Pirangi pelos finais de semana Augusto e Lucinha acompanharam a construção da Barreira do Inferno. No caminho atolavam na areia, atolavam na lama, e lá iam para aventura numa casa sem luz elétrica e água encanada. A solução era lampião e um tanque de água fria. Era uma vida franciscana que eles apreciavam. Celso da Silveira visitante chegou a definir a casa em um dos seus poemas: era uma casa que não tinha lá dentro.

⁴ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

⁵ SEVERO NETO, Augusto. *Amigo*. Natal/RN: Nossa Editora, s/d. Capa de Carlos José Soares, a partir de concepção de Augusto Severo Neto, 132p.

Foram eles que desenharam a planta, Augusto e Lucinha. E era tanta gente que passava por lá dia e noite que ninguém sabe como cabia. Márcio Marinho com o violão, e ficavam até o raiar do dia quando Lucinha preparava um café para a turma. Quando tudo passou e fizeram uma rua, ficou lá o nome rua Augusto Severo Neto, documentando aquele tempo. E a casa era de taipa e feita com vara ruim, todo inverno caía uma parede e eles faziam de concreto, aos poucos a casa virou de alvenaria, e neste sistema de levanta uma parede a casa queda, as paredes não se encontravam⁶. Depois ergueram o muro.

Um dia veio a inauguração do muro. Muro com uma placa. No começo, os limites demarcam com cerca de faxina que frequentemente era preciso ser refeita, então resolveram construir de tijolo um muro, também feito aos pedaços, e que virou um falatório. Os amigos e conhecidos só falavam naquele muro, era o assunto de todo tempo e, por isso, com ele pronto, resolveram promover a inauguração. O governador do estado do Rio Grande do Norte e o vice, ausentes, deixavam em exercício o presidente da Assembleia Legislativa, ele mesmo, o amigo e vizinho, Márcio Marinho.

Autoridade já se tinha. A placa foi motivo de discussão, um muro era uma agressão ao instituto da amizade, porque é da natureza do muro impor uma separação, que fosse muro da amizade, sugeriu-se, e ficou: muro da amizade sem muro, por unanimidade. Juntou-se o público, fez-se a cena. Imaginem, Márcio Marinho governador do Estado inaugurando uma parte de um muro, uma garrafa de champanhe seria quebrada como se faz a inauguração de embarcações, Márcio, alegaram, que por simpatizar com o conteúdo das garrafas, jamais cometeria o ato, passou a garrafa para Lucinha que a quebrou no muro encerrando o ato que a fotografia registrou num momento sublime⁷.

A fantasia, o bom humor e a verve faziam de Augusto Severo Neto o promotor de quimeras. Foi na galeria Vila Flor que, o professor, antropólogo e amigo Nazaro, após um suspiro de saudade, “ai que saudade de Batróvia”, trouxe o país imaginário para a vida de Augusto. E assim nasce Batróvia que Augusto adotou para si, alegando no mesmo momento “está criado o país de que sou o cônsul plenipotenciário”. Brásovia virou uma onda entre os amigos e com diversos desdobramentos inimagináveis e completamente pertinentes a um país.

Augusto elegeu a capital, Batruski; a língua, batroviscália, e compôs o hino, Distribuiu, já que era o cônsul, comendas aos amigos. E quando perguntavam, Augusto, onde é que fica mesmo Batróvia? Ele respondia: Sabe a Europa do Leste, empurrei um

⁶ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

⁷ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

bocado daqueles países e fiz Batróvia. E não só fez Batróvia como desenhou o mapa para que não houvesse mais dúvida de sua localização⁸.

Beatriz da Conceição fadista em Lisboa emocionou Natal nos anos 1970. Augusto e Lucinha a trouxeram para uma apresentação a pedido da primeira dama do estado que faria uma ação beneficente. O jantar que superou as expectativas de público e deixou muita gente na porta, porque tudo se esgotou rapidamente, aconteceu no restaurante do Bosque dos Namorados. Beatriz da Conceição fora um dos inúmeros acasos em que a vida brindou Augusto e Lucinha em suas viagens pela Europa, documentadas nos seus livros de viagem.

Foi numa casa de fados em Lisboa. A artista em uma apresentação geralmente canta três números e há um intervalo, depois mais três e um intervalo. Percebendo o entusiasmo de Augusto e Lucinha que a assistiam, Beatriz em um dos intervalos foi até a mesa deles e entabularam uma conversa, assim nasceu uma amizade que levou Augusto e Lucinha a assistirem outras apresentações da fadista. Quando dona Tereza, a primeira dama, pretendia angariar donativos para obras sociais procurou Augusto e Lucinha para providenciar a vinda da portuguesa. O sucesso foi tamanho. Beatriz era uma mulher bonita e cativante e destacava-se no contralto. Houve até boato na cidade que Augusto deixaria Lucinha para fugir com a portuguesa.

Outros encontros fariam a vida de Augusto o inusitado dos instantes. O poeta e presidente do Senegal L.S. Senghor um homem culto, polido e elegante, pousaria em Natal. O avião em trânsito para as Antilhas pararia no aeroporto para abastecer, o governador Tarcísio Maia solicitou a presença de Augusto que dominava perfeitamente o francês para fazer as honras da casa. Cumprimentaram-se com entusiasmo após a apresentação e em saber que Augusto também era poeta, Senghor o presentou escrevendo de punho uma dedicatória o livro de poesias *Poèmes*.

Outros encontros e acontecimentos inesperados estão nos seus livros, a registrar que o acaso sempre o favorecia, tiveram a oportunidade em Atenas de, por acaso, assistir no Teatro de Herodes Átticos, as *Bachantes* de Eurípedes⁹. O teatro era das suas paixões. Quando esteve em Natal a Companhia Baiana de Comédias, encenando um *Macbeth* no Teatro Alberto Maranhão, Augusto e Lucinha tiveram a oportunidade e argúcia de levarem-nos ao Forte dos Reis Magos, e ali eles reencenaram a peça como nunca Augusto

⁸ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

⁹ Atenas. Os cristos e as *Bachantes*. In: SEVERO NETO, Augusto. *Estórias e distâncias*. Natal/RN: EDUFRN, 1982, p. 80-84.

e Lucinha viram igual. Uma viagem a Bahia, posteriormente marcou um reencontro com o grupo e levados pelo diretor foram à casa de Jorge Amado conhecê-lo. Jorge escrevia aquele tempo *Tereza Batista cansada de guerra*. Foi uma manhã de bate-papo.

Na viagem inaugural do navio Mermoz, estavam Augusto e Lucinha embarcando em Paris com destino ao Rio, convidados como homenageados em nome da companhia. Augusto era Neto de Augusto Severo, o pioneiro da aviação, e a primeira viagem do navio seria em homenagem aos pioneiros da aviação. Seu Sérgio, pai de Augusto, colecionou os objetos deixados por Augusto Severo zelando por eles, veneração que transmitiu ao filho. Augusto Severo Neto com a morte do pai virou o guardião do acervo. Lucinha conta que havia um quarto na casa só para abrigar as peças e os documentos que reunidos somavam mais de quatrocentos itens. Augusto tratou de ampliar a coleção e promover a memória do avô.

Em suas viagens a Paris, perseguia os rastros. Numa delas, conseguiu, ainda no inusitado dos momentos que a vida lhe brindava, um pedaço do tecido do balão e a barquinha. No governo de Cortez Pereira foi proposto um museu para abrigar a coleção em homenagem ao aviador. O arquiteto João Mauricio de Miranda foi encarregado de propor um projeto. O teto ao nível da rua e uma cúpula de vidro compunham o desenho do que seria projetado para um museu da aviação, homenagem a Augusto Severo.

O museu seria erguido na av. Café Filho, próximo ao Hospital Universitário Onofre Lopes. E nunca saiu do papel. E isso tudo ficou guardado, móveis, bengalas, uma com castão de ouro maciço, outra de marfim esculpido os animais sagrados da China, echarpes de seda, que se usava como gravata, até que tudo foi doado ao Museu Aeroespacial da Aeronáutica em Campos dos Afonsos, Estado do Rio de Janeiro¹⁰.

Veio um avião da Força Aérea Brasileira com museólogos e fizeram o levantamento das peças. Augusto ficou de todo acervo com apenas duas peças que pediu para serem doadas apenas quando ele morresse, um pedaço do balão que ele ganhou em Paris de um casal que residia na rua em houve o acidente; e um quadro de Rosalbo Ribeiro, que retratava a entrada na Baía de Guanabara, em 1902, do navio chamado Brasil com os restos mortais de Augusto Severo e os pertences.

Augusto Severo ganhou uma sala com as condições de conservação adequadas e de exposição no museu para abrigar todas as peças que Sérgio e Augusto Severo Neto, filho e neto do aviador, conservaram por toda vida. Quando Augusto Severo Neto faleceu,

¹⁰ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

Lucinha se encarregou de promover a doação das duas peças restantes, recebendo o diretor do museu e duas tenentes museólogas em sua casa. Convidada para cerimônia de doação na qual assinou o termo de doação, participou de uma missa cantada e um coquetel na sala Augusto Severo. Lá, ao lado do retrato do avô, o retrato do neto promotor daquela ação em favor da cultura brasileira.

Augusto procurou sempre vestígios do avô quando das suas viagens à Europa. Certa feita, e está tudo contando nos seus livros de viagens, foi até embaixada brasileira em Paris, para buscar apoio em busca que estava de um possível registro dos irmãos Lumiere da queda do balão de Augusto Severo. A recepção do embaixador Lyra Tavares está documentada em *Estórias e Distâncias*.

Piloto na juventude foi do Aeroclube de Natal retirando o brevet. No tempo da guerra (Segunda Guerra Mundial), os aeroclubes foram convocados pelo Governo Federal para fazer a patrulha da costa. Augusto, requisitado, foi assim expedicionário, certo de que os aviões naquele tempo eram tão frágeis que um menino com uma baladeira poderia derrubar.

Adepto das acrobacias inventou um rasante sobre uma sombrinha colorida na praia, mas lá estava a esposa do Brigadeiro e lá ele levou uma suspensão pelo feito. Posteriormente, tornou-se instrutor de aviação e, entre os tantos alunos, Geraldo Melo, que seria Governador do Estado do Rio Grande do Norte e que, proprietário de um monomotor, sempre convidava Augusto para pilotar e Lucinha para um passeio. Sobrevoaram Natal e até foram certa vez a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves em Açu/RN.

Nos 50 anos da Semana de Arte Moderna, recebeu uma medalha, dentre tantas outras, com que foi agraciado pela sua atividade cultural ativa e participante. Augusto também se voltou para o passado ao buscar suas memórias de menino, recompondo a vida na cidade da sua infância, descrevendo passo a passo como um flâneur por uma cidade da sua infância, os caminhos dos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Em *O tempo ontem*, escreverá: “reencontro com um tempo ontem de ser menino ainda e com um tempo mais agora de ainda sonhar e já ser grande”¹¹.

Alvamar Furtado traçara, na apresentação do livro *O tempo ontem*, o retrato de Augusto aquele momento: “entre um e outro faturamento [é comerciante como o pai], lê Rilke e Aragon. Confidencia, às vezes, que quando menino, quis ser marinheiro, professor

¹¹ SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

de línguas, diplomata e, em certa época, de estanho romantismo, quis ser monge. São essas frustrações. Tem algumas tentativas no domínio das artes plásticas, em pintura e escultura em madeira”.

Alvamar também revela o Augusto frequentador ativo do movimento cultural da cidade: “não deixa também de encontrar tempo para uma exposição de pintura. Presença certa em lançamentos literários, seus e dos outros. Perdido por uma boa conversa, quando reporta uma recordação feliz de um instante europeu [...]”. Alvamar ainda escreve: “crônicas onde perpassa o espírito de um poeta, mesclando visões da vida, sensações do cotidiano e o predomínio de suas vividas viagens”¹².

Neste livro, Severo Neto atua como um escritor relator de suas experiências, assim será a sua obra em crônica. Até os sonhos loucos serão matéria do improvável. Severo Neto é um contador e chama o leitor para uma conversa como se pusesse a contar uma experiência em que se fundem páginas de um diário, lembranças, memória e autobiografia. O leitor pode acompanhar um dia ou um sonho e todas as impressões que pode colher de cada um deles. A crônica de Severo será puramente centrada na sua experiência pessoal e nas suas impressões, são registros de instantes, do momento vivido, como se dispusesse aquilo que vê, escuta, pensa ou sente no momento, por isso as feições de um diário literário.

Neste livro está o primeiro e o segundo Opus, os demais permaneceram inéditos e aparecem agora com a publicação de *Na lírica estação do outono*. Um livro que, em seu aspecto, muito se assemelha nos motivos e na forma a *O tempo e ontem*. Representam parte de um mesmo universo de crônica, diário e autobiografia em que se passam as impressões vividas.

Augusto admite que escreve por um impulso que lhe impinge a escrever para contar, assim declara em *Do outro lado do mar: crônicas de viagem*: “sinto realmente necessidade de escrever; de contar as minhas emoções de tristeza e alegria; de dizer da minha exaltação diante do belo e do inesperado”. Neste livro, como nos outros de viagem que virão depois, Augusto escreve e descreve as cidades do mundo em um tempo em que andar pela Europa era novidade, uma aventura para poucos privilegiados e em que se viajava de navio (anos 1960).

É nos relatos de Augusto que o estrangeiro é apresentado, não ao fausto dos palácios, catedrais, museus, da monumentalidade da história universal, mas nos pequenos

¹²MENDONÇA, Alvamar Furtado de. Prefácio. In: SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

hábitos da gente das cidades, das impressões que se colhe no dia a dia por um viajante, de tomar suco de laranja com sanduiche de Jamon, por exemplo, e do folclore nas ruas, a vestimenta das pessoas, a cultura do joie de vivre do europeu, uma espécie de etnografia participante, excursão antropológica, a revelar um mundo novo numa linguagem sem rigor, pompa, na voz com que o cronista narra as passagens da vida, de forma despreziosa, divertida, sem perder a presença de toda a cultura humanística que levava na bagagem. Augusto Severo Neto era também um erudito, e por isso também um bom causeur que revela sem cerimônias suas impressões sobre os lugares e as pessoas.

Milão: “Embassy. O teto é formado de brocados de cetim azul, pelo menos me pareceu assim, àquela meia luz. O número de variedades foi fraco, mas o uísque era bom e nós estávamos meio perdidos nas poltronas, tão boas quanto o uísque. Tangos, rocks e vagos blues chegavam a nos surpreender, quando escutados. Dançávamos de blue em blue e nos sentíamos languidos, sonolentos. Falou-se em palitinhos, para conservar os olhos abertos. Cigarros – ainda não era coloridos – fumaça, uma lassidão gostosa e uma vontade maluca de falar coisas, de dizer poemas de Rilke, de Vinicius ou, em último caso, meus até”¹³.

O passado também sempre esteve presente. Em *Ontem vestido de menino*, Augusto propõe uma volta ao tempo: “já vestido de menino, começo a caminhar pelos outrora desta cidade que é minha e pelos antigamente das gentes que, de pedra, cal e amor, construíram a história desta cidade.”¹⁴.

Ao percorrer os espaços da cidade, Severo Neto visita as recordações e reconstrói o tempo. São os laços afetivos que o movem em mais um livro de viagem, desta feita a terra dos seus que habitam as lembranças. O plano de voo se desenha no mapa em como tudo foi um dia: Ribeira e Cidade Alta e os antepassados, os parentes, vizinhos, conhecidos, a gente da cidade, como Aureliano Medeiros, seu palacete, o Solar Bela Vista, e o chofer e tantos outros. Augusto andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas.

¹³ SEVERO NETO, Augusto. *Do outro lado do mar*: crônicas de viagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960, p. 81.

¹⁴ SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985, p. 6.

A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*¹⁵.

Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os cinquenta nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas fruto da observação e vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”¹⁶.

Augusto amou Lucinha, dedicando-lhe como um relicário, um livro de textos e poemas em *Profissão de fé à Bem-Amada*. Augusto e Lucinha viveram o grande amor na certa e precisa receita de Vinicius de Moraes: para viver um grande amor é preciso sagrar-se cavalheiro, ser da dama por inteiro, porque ser de muitas é para quem quer, e não tem nenhum valor, fez do seu corpo uma morada, das viagens com Lúcia uma aventura, e ela dedicou todos os seus livros também como uma declaração de amor.

Juntaram-se ao mundo, em tantas viagens, perseguiram os rastros do avô Severo, andaram por Natal conhecendo meio e todo mundo, dos loucos aos líricos, dedicando-lhe igual amizade sem nenhum pudor. Fzeram de Pirangi um refúgio e da convivência com os amigos um manancial inesgotável exercendo ali a completa arte de viver para conviver.

Formaram-se e informaram-se, liam todos os autores dos populares aos eruditos, tornaram-se colecionadores e galeristas. Augusto escrevia seus livros, Lucinha quem revisava, traçaram uma perfeita união em que cada dia era completamente diferente, repleto de surpresas e fascinação e se apaixonaram todos os dias a cada dia vivido juntos. Para Lucinha deixou escrito o livro da declaração de amor.

Fotografo amador que também foi, Augusto decompôs com extrema delicadeza cada traço do retrato de Maria Lúcia: “continuas a sorrir dentro da moldura. E mordes de leve um dos dedos da mão semiespalmada. Teus cabelos estão vadios de vento e o teu conjunto todo (olhos sorrindo, fita branca nos cabelos que se espalham assim meio sem se importar pela testa, o estar assim de tua mão, os teus dentes prendendo de mentira o dedo senhor vizinho da gente ser menino ainda) até dá um jeito moleque de quem se

¹⁵ SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985.

¹⁶ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

escondeu atrás de uma das colunas do pátio do recreio do colégio, olhando de longe e gozando a inquietude de quem a busca”¹⁷.

E assim, piloto que voou pelos céus da cidade, traduziu a experiência de voar como a própria vida: “O avião subia lentamente em largos espirais e as coisas iam se tornando pequenas, geográficas e humildes. O ar tornava-se mais puro, mais leve e mais transparente. Mil e quinhentos metros. Encontro-me só, absolutamente só neste mundo infinito. A terra ficou lá longe, separada de mim por essa enorme planura branca pontilhada de torres e de dunas. Nessas alturas componho poemas e sinfonias que esquecerei quando chegar à terra. São poemas e sinfonias de nuvens e não é possível acorrentar nuvens e leva-las para junto dos homens. Um frio gostoso me envolve e me orvalha. Há um silêncio tão grande que se sobrepõe ao rugido do motos. Há uma paz tão grande que se sobrepõe ao tumulto da minha alma. Mas, para minha desventura, não é possível ficar eternamente aqui nessa paz tão profunda, nesse silêncio tão infinito. Reduzo a manete e o meu pássaro inclina-se para a terra. Atravesso o lençol de nuvens e aquele outro mundo imenso do oceano abre-se aos meus olhos.”¹⁸.

¹⁷ SEVERO NETO, Augusto. *Profissão de fé à Bem-Amada* (inédito)

¹⁸ SEVERO NETO, Augusto. *Voar* (crônica).